

Suplemento Cultural

Revelação surpreendente de José Couto V. Pontes

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO –
PRESIDENTE DA ASL

Quinze de dezembro de 1956 notabilizou-se no estado da Paraíba, numa noite de muitos fogos e regozijo, com a posse do escritor paraibano José Lins do Rego na augusta Academia Brasileira de Letras, cadeira nº 25, substituindo o acadêmico Ataúlfo de Paiva.

Eu tinha 10 anos quando Itabaiana, situada no agreste paraibano, engalanou-se para, no dia 19 daquele dezembro, receber, com pompas, o autor de 'Menino de Engenho', 'Banguê', 'Moleque Ricardo', 'Usina', 'Pureza', 'Riacho Doce', 'Cangaceiros', 'Água-mãe', 'Fogo Morto' e especialmente 'Doidinho' – romance escrito e vivido em Itabaiana.

José Lins do Rego, após ser ovacionado de forma estrondosa na capital João Pessoa e em sua terra natal Pilar, chegou, às 19 horas, acompanhado do governador José Américo de Almeida, escritor, autor do aplaudido romance "A bagaceira". O palanque foi armado em frente ao colégio Professor Maciel, instituição de ensino onde o escritor estudou na infância, vindo a descrever, com perfeição, cenas vividas por ele ali. Uma multidão imprensada, atenta, eclodiu em aplausos quando o homenageado assomou ao palanque. Vivi sentadinho no chão, juntamente com dezenas de outras crianças, aquele momento de intensa emoção, de um deslumbramento indescritível. Diante de nós o autor de 'Menino de Engenho', o orgulho da literatura paraibana, introduzido, por unanimidade, na Aca-

“

Que privilégio o meu de abraçar um dos fundadores da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, detentor de vários prêmios nacionais (...)"

demia Brasileira de Letras, saudado que foi pelo então presidente da Casa, Austregésilo de Ataíde. Ele acenou demoradamente para o povo quase em choro.

O governador José Américo de Almeida foi muito feliz ao incluir no seu discurso as palavras elogiosas do eminente escritor Otton Maria Carpeaux, que diz: "São os romances de José Lins do Rego um grande monumento. A sua obra é mais, muito mais do que um documento dum mundo que se foi, é um verdadeiro monumento."

O nosso herói faleceu 9 meses depois, no dia 12 de setembro de 1957, no Rio de Janeiro.

No último sábado, numa visita prazero-



José Couto Vieira Pontes – cofundador da ASL, com o qual privamos ilustre convívio

sa, relatei ao acadêmico José Couto Vieira Pontes, com maiores detalhes, o luminoso acontecimento literário de 1956, na minha terra natal. Ele soltou um sorriso longo, silencioso, de rara felicidade.

- Você ficará radiante com o que vou lhe dizer...

E, numa revelação surpreendente, foi-me dizendo que, no ano de 1950, como acadêmico de Direito da Universidade do

Brasil, no Rio de Janeiro, foi escolhido para saudar, em nome da famosa instituição, o notável romancista José Lins do Rego, pelo fato de ele, o Couto, estar desenvolvendo fecunda atividade literária, convivendo com ilustres cultores das letras e com órgãos literários, tendo sido convidado a dirigir a revista *A Época*. Compareceram à solenidade escritores nordestinos, o professor Castro Rebello, o professor Haroldo Valadão e o reitor da universidade Pedro Calmon, além de intelectuais cariocas, e obviamente o próprio José Lins do Rego.

Após a palestra, com direito a aplausos demorados, José Lins do Rego foi à tribuna agradecer ao novel escritor mato-grossense, hoje sul-mato-grossense. A partir de então, se travou uma forte e duradoura amizade entre os dois. Ambos assistiam a filmes, especialmente no cine Leblon, a saraus literários, visitavam bibliotecas e, para atender ao amigo, José Couto acompanhava-o nas partidas do Flamengo, no monumental Maracanã.

No fim da minha visita, senti uma telúrica emoção. Que privilégio o meu de abraçar um dos fundadores da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, detentor de vários prêmios nacionais como contista, ensaísta e cronista, advogado de renome, juiz de direito, primeiro procurador-geral de MS e presidente da Fundação de Cultura de MS, dentre outros cargos que engrandeceram nosso Mato Grosso do Sul.

Cora Coralina – a imortal 'feiticeira do verso'

RUBENIO MARCELO – POETA/ESCRITOR E SECRETÁRIO-GERAL DA ASL

Num especial fim de semana distante, (início da década de 80) tive a honra de visitar Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas. Sim, ela mesma: Cora Coralina. Na sua morada (a conhecida 'casa velha da ponte'), em Goiás Velho, às margens do Rio Vermelho, falamos de assuntos do cotidiano, da cultura popular, e de poesia. As lembranças daquele encontro com a carismática poetisa goiana (de fala meiga, sorriso franco e olhar profundo) ficaram em mim, timbradas no meu íntimo e, assim, fazem-me sempre reviver a emoção que senti ante a suprema energia daquele momento mágico, quando ali tive a certeza de vivenciar a cândida seara que desperta as mais sublimes dádivas da alma, delineia as raízes singelas da beleza e resgata a transcendente doçura dos sonhos fecundos. Tenho (até hoje na minha pequena biblioteca) um exemplar do seu marcante livro (sua publicação inaugural) 'Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais', considerado uma das obras literárias mais importantes do século 20.

A primeira edição deste livro circulou

no mês de junho do ano de 1965 (pela Ed. José Olympio), quando Cora Coralina já estava com 76 anos de idade. Em 14/07/1979, quando já havia sido lançada a 2ª edição da obra (1978), pela UFG, o poeta Carlos Drummond de Andrade – após ter acesso aos poemas – assim escreveu (conforme consta na contracapa de algumas edições do livro): "Cora Coralina: ... Admiro e amo você como alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu verso é água corrente, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã do seu Goiás! Dá alegria saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina. Todo o carinho e admiração de Carlos Drummond de Andrade". Posteriormente, o vate de Itabira tece comentários (no *Jornal do Brasil* – Cad. B, de 27/12/80) sobre o livro pioneiro de Cora e, num trecho, afirma: "Se há livros comovedores, este é um deles".

Realmente desperta especiais emoções a leitura de 'Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais', volume este dividido em duas partes e 37 poemas, dentre os quais estão textos antológicos de Cora Coralina, como a esplêndida "Oração do Milho (Introdução

ao Poema do Milho)" e o próprio "Poema do Milho", além de "Minha Cidade", "A Escola da Mestra Silvina", "Rio Vermelho", "Becos de Goiás", "Velho Sobrado", "Caminhos dos Morros", "O Prato azul-pombinho", "Cântico da Terra" e outros.

Nascida na Cidade de Goiás (Goiás Velho), em 20/08/1889, e falecida em Goiânia (10/04/1985), Cora Coralina foi uma artesã de versos genuinamente telúricos, e soube, com singeleza e sensibilidade, além das entranhas das suas evocações, expressar (em notável poetização) o cerne da natureza, bem como o cheiro e a cor da sua terra-mãe. Num dos seus poemas, ela assim se define: "Sou árvore, sou tronco, sou raiz, sou folha, / sou graveto, sou mato, sou paiol / e sou a velha tulha de barro" (...)/ Sou a espiga e o grão que retornam à terra (...)/ Mulher da roça eu sou./ Mulher operária, doceira, abelha no artesanato..." (in 'A gleba me transfigura').

Cora publicou outros livros de sucesso, como "Meu Livro de Cordel" (1976) e "Vintém de Cobre – minhas confissões de Aninha" (1983) – obras estas cujas edições originais também integram a minha estante. Estudou apenas "as primeiras letras", entanto, pelo reconhecimento da sua obra, foi agraciada, em 1983, com o título

de Doutora Honoris Causa (pela UFG) e – eleita intelectual do ano – recebeu o Prêmio Juca Pato (UBE).

Ave, ó Aninha, Ana-Cora, "Cora dos Goiasenses", Cora Coralina, doutora das causas do Brasil interior, autêntica Rap-soda, imortal 'feiticeira do verso'!

A ela escrevi este poema: **Coralina**

*Dos becos de Goiás eu sei a cor...
estórias de Goiás eu sei de cor
de cor ainda
em tez cristalina
pois ouvi
Cora Coralina*

*Dos moinhos do tempo eu sinto a dor...
ao som do rio vermelho abrigador
abrigo a dor
e ancuro ainda
pra viver
Cora Coralina*

*Do velho Goiás Velho vem renovo
nos pendões que me fecundam de novo
e me trazem da paz todo o rebrilho
na Oração do Milho
em coro ainda...
em Coralina
Cora Coralina!*

POESIAS

MENTIRA DO POETA

Sinto te haver mentido quando disse
Que o teu rosto é mais meigo que o luar...
Menti... porque não pode haver meiguice
Que possa ao teu semblante comparar!

Sinto te haver mentido e foi tolice
Com estrelas teus olhos semelhar...
Ah! Se uma estrela celestial luzisse
Como brilha em meu céu o teu olhar!

Sempre menti! Pois somente sinto, amor,
Teu ser mais belo e muito superior
À natureza que comparo a ti...

Mas, se menti, não foi por falsidade,
Foi pra dizer-te em verso esta verdade:
Te amo e amarei – e nisto eu não menti!

GERALDO RAMON PEREIRA

O INSTANTE

O instante é o fugaz clarão,
O relâmpago dos sonhos
Que reproduzimos n'alma!
Luz que retrata na mente
Esses átomos de vida
Que os sentidos perceberam.
É essa empanada sidérea
De pedaços de segundos
Que formam nossa memória.

O instante é sempre o passado!
Quando nele nos fixamos
Um outro já o sucedeu.
E quem quiser segurá-lo,
Retê-lo imóvel, abstrato,
Dormirá dentro do tempo.
E no sono guardará
Todos os tempos do verbo
Num verbo que não tem tempo.

ALCESTE DE CASTRO

O CAFÉ... APOGEU DE UMA ÉPOCA

ELIZABETH FONSECA

O café não é só aroma, sabor e cor. O café tem a sua sofisticação e também a sua singularidade. Dentre um café e outro, sempre haverá um início de conversa, um momento acolhedor, um estabelecimento de pauta. Visitando a cidade de Santos (SP), fiz uma viagem no tempo ao deparar-me com o Museu do Café. Primeiramente, a sua majestosa e suntuosa arquitetura, em estilo eclético, inaugurada em 1922, tornando-se símbolo da riqueza dos negócios do café. Ali naquele museu é como se ainda ouvisse as vozes dos pregoeiros, os passos e rumores, em competitivos lances, dos senhores do café, todos assentados às pequenas mesas redondas de madeira jacarandá, num total de 84, além da mesa oficial, retangular e maior, na sala oficial do pregão do café, que funcionou até 1957. Na entrada, o quadro negro, também em madeira jacarandá, com os dizeres BOLSA OFICIAL DE CAFÉ, no qual era anotada, a giz, a sua cotação diária. Viam-se a cúpula sustentada por imponentes pilares, belíssi-

mos vitrais e painéis de Benedito Calixto, ostentando os salões, num contexto histórico da Vila de Santos de 1822 a 1922, representados, com bandeirantes, a agricultura, o porto e o café. Tudo conservado com muito zelo para os olhos sedentos de história.

Esse café tão especial – arbusto de folhas tão verdes e brilhantes, porte médio, plantação enfileirada, que exige terra roxa de boa qualidade – exhibe frutinhas como cachos de esmeraldas, que vão se transformando em rubis, para depois serem negro tesouro, pérolas da terra. Sua colheita tinha um toque singular de beleza, nas vestes das mulheres e dos homens, protegidos com mangas compridas, chapéus de palha com abas longas, alpargatas e botinas, (retratos pós-escravidão). Nos grãos peneirados, posso imaginar acrobacias no ar com movimentos em círculos, como malabarismo, voltando à peneira. Que bucólico... passa a ser belo.

O café tem sua longa história no Brasil, quando em 1727 foi trazido da Guiana Francesa pelo Sargento-Mor, Francisco de Mello Palheta, a pedido do governador do Mara-

não. Primeiramente foi plantado no Pará, depois no Maranhão; este, aprimorando o cultivo, foi aumentando a plantação, que migrou para outros estados, e num século já se iniciava uma tímida exportação.

Para o sudeste e sul foi descendo, passando pela Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Minas Gerais, levantando cidades novas e aumentando a exportação, o que trouxe também um grande contingente de imigrantes europeus, para suprir a força escrava, já em processo de libertação.

Fazendas imensas e casarões denotam a riqueza dessa época, os empertigados barões, ilustres fazendeiros, que faziam parte de uma enorme lista.

O apogeu do café foi marcado por riqueza e glamour, sendo o produto de maior exportação do Brasil, transformando-se também em câmbio. Na década de 30, a produção gerou uma supersafra, na desmesurada euforia de cultivar o café, que foi marcada pela queima dos grãos sem destinos e sem piedade.

Acalentamos do café, por décadas, o monopólio mundial, mas o Brasil precisava

desenvolver também outras culturas e a indústria, e o "ouro negro" perdeu o seu reinado para outras agriculturas e outros produtos industrializados.

Todas as salas do museu exibem desde as fotos das fazendas de café, carregamento no Porto de Santos, torradores, procedimentos especiais, etc., até o grande poderio da riqueza cafeeira. Havia até mesmo uma acirrada competitividade entre os carregadores, de quantas sacas conseguiriam carregar, vencendo então o "Jacinto", que conseguiu suportar cinco sacas, num total de 300 quilos...

Visitas ilustres vieram ao Brasil, entre elas a rainha da Inglaterra, Elizabeth II, ainda muito jovem, a fim de conhecer nossos estandes de café. Linda Darnell, atriz norte-americana, provou glamorosamente do nosso cafezinho.

E mesmo castigado pelo clima, queima, oscilação da bolsa, o café nunca perdeu o seu posto. É para o rico e para o pobre, sem preconceito, com ou sem açúcar, amargo ou doce, o aroma denunciador, axícaro infalível.